





ESSA GENTE
CHICO BUARQUE

Rio, 30 de novembro de 2018

Meu caro,

Não pense que me esqueci das minhas obrigações, muito me aflige estar em dívida com você. Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015, e lá se vão três anos. Como deve ser do seu conhecimento, passei ultimamente por diversas atribuições: separação, mudança, seguro-fiança para o novo apartamento, despesas com advogados, prostatite aguda, o diabo. Não bastassem os perrengues pessoais, ficou difícil me dedicar a devaneios literários sem ser afetado pelos acontecimentos recentes no nosso país. Já gastei o advance que você generosamente me concedeu, e ainda me falta paz de espírito para alinhar os escritos em que tenho trabalhado sem trégua. Sei que é impróprio incomodá-lo num momento em que a crise econômica parece não ter arrefecido conforme se esperava. Estou ciente das severas condições do mercado editorial, mas se o amigo puder me adiantar mais uma parcela dos meus royalties, tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas, a fim de o regalar com um romance que haverá de lhe dar grandes alegrias.

Um forte abraço.

7 de dezembro de 2018

Quando me separei, deixei a beira-mar e voltei a morar num topo de ladeira, quase no mesmo endereço que dividi anos atrás com a minha primeira mulher. Ela ainda mora naquele prédio de pastilhas, quatro abaixo do meu, e já deve ter me visto passar sob a sua janela. Talvez pense que ensaio uma reconciliação, embora esteja cansada de saber que sou adepto de caminhadas peripatéticas, sobretudo nos dias em que sento para escrever e me sinto amarrado, com a vista saturada de letras. Desço à rua sempre que as letras endurecem no papel, comprimidas entre si como as pequenas pedras em preto e branco do calçamento que piso. Pouco a pouco meus olhos se deixam levar por um automóvel, uma saia, uma folha, uma lagartixa, umas crianças de escola, passarinhos. Mais adiante já não vejo mais que cores, arestas, vultos, halos, e ideias soltas me vêm à cabeça, esta boa, esta má, e toca a subir e descer a ladeira debaixo de sol ou chuva, pensando alto, discutindo comigo mesmo, com aquele esgar, aqueles tiques e gestos falhos de que fala o poeta, aquelas caretas que fazem os porteiros abanar a cabeça: ah, o esquisitão voltou.

13 de dezembro de 2016

Para começar do começo, o neguinho jura que se lembra da mãe cantando um ponto assim que ele veio ao mundo. Antes de poder enxergá-la já a ouvia, pois a audição, como o olfato, é anterior à visão; na verdade, com os sentidos ainda imprecisos, recém-nascido ele confundia a voz da mãe com o cheiro do leite. Mais tarde ela largou a macumba e passou a cantar na igreja, época em que foi ser cozinheira na casa do maestro italiano e o levava junto. A mulher do maestro, uma galega muito católica, se afeioou ao garoto, mas ralhava com a mãe quando ela cantava seus hinos distraída na cozinha. Um dia, de birra, ele começou a cantar por ela. Logo despertou o interesse do maestro, que o iniciou na ópera, nas partituras, no solfejo, até ele alcançar o sublime nas árias de Mozart. Aquela voz angelical...

15 de dezembro de 2016

A mãe mudou de emprego e proibiu o neguinho de ver o maestro. Para prendê-lo em casa, meteu-lhe medo dos porcos, contava histórias escabrosas que

ouvira do pastor. Ele cresceu acreditando que aqueles porcos enormes, que andavam à solta por ali, comiam os bagos dos meninos no morro do Vidigal. Quando um dia acordou na casa do pastor com os curativos no lugar do saco, não teve dúvida, foi o porco. Adulto, virou obeso como um porco, mas conserva aquela voz angelical.

9 de dezembro de 2018

Descendo a ladeira emparelhei com um passeador de cães que me parece novo no bairro. É um mulato franzino que conduz e é conduzido por uma dezena de cães, entre os quais o labrador de dona Maria Clara. Dona Maria Clara tinha ido ao médico com o filho e não havia ninguém em casa para receber o animal. O porteiro se recusava a ficar com ele, que era capaz de sujar a portaria, apesar de o passeador lhe mostrar o saquinho plástico cheio de cocô. Anoiteceu quando subo a ladeira de volta e vejo o rapazola sentado no meio-fio com o labrador, já tendo certamente devolvido os outros cães. Chego em casa, escrevo estas poucas linhas, abro um vinho, esquento um suflê e vejo futebol na televisão. Vou me deitar para lá de

meia-noite, tenho sono, mas não consigo dormir. De pijama pego o carro na garagem, desço a ladeira de ré, encontro o passeador sentado com o cão no mesmo lugar e os faço subir no banco traseiro. No apartamento, depois de me farejar entre as pernas, o cão se esparrama no chão da cozinha e rejeita a ração de gato que lhe ofereço. Ao passeador ofereço uma Coca-Cola e um resto de suflê frio que ele aceita com gosto. Fica todo agradecido por poder ver televisão e dormir no sofá da sala. Depois pergunta se tem que comer meu cu.

Rio, 23 de setembro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Foi com extrema satisfação que recebi do seu publisher a notícia de que sua equipe está interessada em ler a tradução antes do lançamento do seu livro em língua portuguesa. Ademais, foi-me comunicado que o senhor pessoalmente passaria os olhos no meu trabalho, visto que é fluente no idioma espanhol e não é de todo estranho ao macio linguajar brasileiro, sendo um fã da Bossa Nova. Muito honrada, encaminho-lhe minha última versão para seus comentários. Advirto-lhe que tomei a liberdade de alterar

alguns sinais de pontuação, como os dois-pontos que abundam no original e que muitas vezes podem ser substituídos por pontos e vírgulas, a meu ver bem mais distintos. Suprimi também alguns pontos de exclamação que, francamente, julgo redundantes.

Permita-me acrescentar que anseio conhecê-lo pessoalmente por ocasião de sua anunciada vinda ao Brasil. Com imensa e antiga admiração,

Sua,
Maria Clara Duarte

Rio, 9 de outubro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Jamais imaginei enervá-lo, e realmente não é minha função apontar incongruências em um livro já publicado com tanto sucesso em seu país. Mas no caso da página 297, quando o senhor diz que os dedos do pianista mantêm o acorde perfeito, o leitor poderia entender que o piano não cessa de soar, o que é desmentido na mesma frase. Só por isso insisti em sugerir que os dedos mantivessem a posição, ou, se preferir, a formação do acorde, enquanto o pianista e a mulher faminta trocam olhares no *silêncio* da sala. É duro me

empenhar além do estritamente profissional para ter como resposta a recomendação de me ater ao texto. Mas seja como o senhor quiser, o autor é sempre soberano. Ganharei mais tempo para minha árdua vida familiar e não o incomodarei com novas cartas que na verdade talvez nem lhe cheguem às mãos, pois suspeito estar a me corresponder com a sua secretária. Deixemos, portanto, o pianista com seu acorde perfeito a soar no *silêncio* da sala. Já nem discuto esse seu *faminta*, embora me pareça infinitamente mais adequado um *voluptuosa* para aquela mulher praticamente deitada no tampo do piano. Conservarei também o *praticamente*, onde eu havia proposto um *quase*, a fim de evitar a repetição de advérbios com o sufixo *mente*. Aqui é uma questão de elegância, e não do furor semântico que o senhor ou a secretária cubana me atribuem.

Atenciosamente,
Maria Clara Duarte

Rio, 27 de outubro de 2017

Senhor,
Esta é a última “impertinent letter” que lhe dirijo. Saiba que cogito simplesmente não assinar

a tradução do seu extenso romance, ou fazê-lo sob pseudônimo. Só não tomei a decisão definitiva por receio de que meu editor me reduza os honorários ao valor de piso da casa, o que deve perfazer cerca de dez dólares por lauda, ou seja, uns oitenta dólares por dia, o que seria justo para o serviço de uma datilógrafa diligente. O senhor nada tem a ver com isto, mas não é da literatura que tiro meu sustento; vivo de traduções simultâneas em congressos e seminários. A literatura, para mim, deveria ser unicamente fonte de deleite, pois às suas custas eu não teria como suprir sozinha as necessidades do meu filho, que, como não é segredo, tem um pai ausente e carece de cuidados especiais.

Estou certa de que o seu romance, apesar de tudo, terá grande êxito comercial no meu país.

Cordialmente me despeço,
M. C. D.

21 de setembro de 2018

Minha mulher largou os pincéis, se antecipou à empregada e foi em pessoa abrir a porta. Dois grandalhões fizeram uma manobra no hall para

entrar na sala com um pacote comprido, embrulhado em plástico-bolha. Aonde quer que deixa?, um perguntou. Aqui na janela, ó, de pé, de frente para o mar, ela disse, e começou a tatear o embrulho, provavelmente para se certificar onde era a frente do objeto, que só podia ser uma escultura. Em seguida dispensou os carregadores e se dedicou a estalar as bolhas, descobrindo por baixo do plástico um papelão pardo envolto em fita-crepe que demandou uma tesoura de cozinha. Aos poucos foi aparecendo um objeto dourado do meu tamanho, quem sabe um totem, não, um homem. Ela foi lá dentro e voltou correndo para pendurar uma faixa verde-amarela no torso daquela estátua de ouro, talvez com a intenção de realçar o efeito kitsch. Achei somente de mau gosto, mas não disse nada, a gente já não se falava. Com a estátua ela teria mais assunto.

3 de janeiro de 2019

O contador ligou para me comunicar que meu saldo bancário está no vermelho. E agora? E agora, pergunto eu. São nove da manhã, faz calor, os gerânios na janela estão esturricados. Tem pão

de fôrma na geladeira, manteiga, duas fatias de presunto, e aprendi a fazer café na cafeteira elétrica. A diarista tinha jeito para regar os gerânios, mas comigo a vizinha de baixo sempre reclama dos respingos. O jornal está no hall de entrada e a primeira página é falsa, é uma imitação de primeira página em que todas as notícias são anúncios publicitários. Eu ficava puto quando o gato unhava o jornal e mijava em cima, agora tenho saudade dele. Há quem diga que os angorás são suicidas, já a diarista garante que ele saltou atrás de um beija-flor. Ela me apontou o gato estراçalhado no playground do prédio, mas eu não quis descer, ela que o enterrasse no canteiro ali mesmo. A diarista chegava cedo em casa, tomava café e tinha a mania abominável de folhear o jornal antes de mim. Depois tentava disfarçar, mas eu percebia as dobras irregulares, feito vinco de calça mal passada. Também percebia o travo do café requentado, e saudade da diarista é o que não tenho mesmo.

15 de janeiro de 2019

Em vez de rumar para o Sul, depois de tirar um fino do Pão de Açúcar, o avião sobrevoa o Rio

de Janeiro em baixa velocidade. Diverte-me a ideia de que o piloto, como eu, não tenha vontade de deixar o Rio nem pressa de chegar a São Paulo. Ou se não resolveu promover um giro panorâmico sobre a cidade, a fim de exibir aos passageiros as nossas praias, a floresta da Tijuca, o Cristo Redentor, o Maracanã, as favelas e demais atrações turísticas. Tomamos finalmente a rota usual acima do oceano, e eis que o avião dá uma guinada de volta ao Rio, decerto com problemas técnicos. Risonha, a aeromoça passeia pelo corredor tranquilizando os passageiros que se entreolhavam inquietos. Já apontamos para a pista do Aeroporto Santos Dumont, quando em cima da hora o avião arremete e retoma o sobrevoo da cidade, a meu ver no intento de despejar combustível antes de preparar nova aterrissagem. O problema é que as turbinas começam a soltar fumaça, e a aeromoça sempre risonha mal consegue conter o alvoroço a bordo. Dizem que, na hora da morte, a vida repassa do início ao fim no cinema da nossa cabeça. Pois é ao que assisto, não como num filme, mas nas rasantes que o avião dá sobre o Rio de Janeiro. Ali estão a maternidade onde nasci, a casa dos meus pais, a igreja onde fui batizado, o colégio onde xinguei o padre, o campo de terra onde fiz um gol de calcanhar, a praia onde quase me afoguei,

a rua onde apanhei na cara, os cinemas onde namorei, o prédio do curso pré-vestibular que larguei no meio, os endereços dos casamentos que larguei no meio, e perto do cemitério o avião toma novo impulso, levanta o nariz, acelera e se intromete nas nuvens. Não dá um minuto e o piloto decide retornar, passando rente à maternidade, à casa dos meus pais, à torre da igreja, tudo de novo. É como se, voando em círculos, o avião reproduzisse mais fielmente o trajeto da minha vida, me fazendo rever sempre as mesmas mulheres e os mesmos filmes, voltar aos mesmos endereços, gostar de repetir meus erros. A aeromoça se equilibra de poltrona em poltrona para conferir os cintos de segurança, e a quem lhe pergunta se vamos sair vivos dessa, responde a sorrir: só por um milagre. Aos gritos de desespero, soma-se agora o clamor de orações, e da janela julgo ver meu apartamento, uma batida de carros na ladeira, um gato eriçado, um olho de cão. O comandante puxa uma ave-maria ao microfone, enquanto a aeromoça distribui rosários e Bíblias do seu carrinho. Abro o Antigo Testamento, mas meus óculos de leitura com lentes vencidas não me permitem discernir as letras miúdas. Desfiando o rosário, procuro em vão me lembrar de alguma reza, e meus companheiros de infortúnio me cravam olhares odientos com razão. O avião

está para se destroçar com uma centena de crentes a bordo, por culpa exclusiva de um ateu que há muitos anos perdeu a fé em milagres. Caem máscaras do teto para todos os passageiros menos para mim, e só então no assento ao lado noto meu pai, que vira a cara e me nega uma mísera prise de oxigênio. Desenganado, contemplo a aeromoça que me faz o sinal da cruz na testa e sussurro: mamãe. Foi esse meu último sopro de vida, e logo acordo enrolado no lençol com a televisão ligada: a partir de hoje, por decreto presidencial, posso ter quatro armas de fogo em casa.

9 de abril de 2017

Quando lá atrás desfiz meu primeiro casamento, por motivos que não vêm ao caso, minha mulher me chamou de machista e misógino. Falou sem refletir, por estar inconformada, pois conhecendo como ninguém a exata acepção e mesmo a etimologia de cada palavra, ela sabe que não são corretas aquelas que proferiu. Não sou de bater em mulher, nem me dá prazer algum magoar o coração delas. Prefiro as que já vêm magoadas por outro homem; mulheres traídas, por exemplo, mulheres com raiva,

a cara quente. Mas nada se compara às esposas que enviúvam ainda jovens e fiéis. Aquelas que se agarram ao caixão fechado, no velório do marido morto em acidente pavoroso. Não posso ver uma foto desses velórios sem pensar em quem será o primeiro a se deitar com a viúva, por quanto tempo ela resistirá, com que confusão de sentimentos se entregará por fim. Mulheres que choram no orgasmo também aprecio. Finjo: está triste?, doeu? Existe mesmo um misterioso elo entre compaixão e perversidade.

Rio, 24 de janeiro de 2019

Ao síndico do Edifício Saint Eugene

Sou a dra. Marilu Zabala, moradora do 201, e estou segura de falar pela grande maioria dos condôminos do Saint Eugene. O novo inquilino do 702 — dizem que é um escritor, mas nunca ouvi falar dele — não tem evidentemente a obrigação de cumprimentar seus vizinhos, nem mesmo de limpar a sola dos sapatos quando chega da rua enlameada. Não posso exigir civilidade de sua parte, nem jamais o repreendi por utilizar o elevador social de shorts e às vezes suado e sem camisa, o que aliás é vedado pelo

nosso regimento interno. Presto esta queixa, contudo, em nome da segurança e da tranquilidade minhas e dos demais moradores. Além de esse cidadão fazer subir comidas e bebidas a altas horas da noite, tenho ouvido relatos de um intenso movimento de mulheres no seu apartamento. Já duas ou três vezes, da minha janela, tive eu mesma o desprazer de ver certas prostitutas — perdão, a palavra é esta, pois nem sequer poderiam ser classificadas como garotas de programa, escorts ou demais eufemismos — prostitutas saltando de um Uber para subir ao sétimo andar. São mesmo profissionais do mais baixo estrato, e não o digo por suas fisionomias, pois sou juíza federal e não tenho preconceito de cor, mas pela manifesta falta de compostura com que se vestem e falam palavrões aos berros ao celular. Não duvido que em breve tenhamos orgias no 702, entrando pela madrugada, assustando as crianças, perturbando nosso sono e ecoando na rua, com óbvios prejuízos à reputação do Edifício Saint Eugene.

No aguardo de providências,
Marilu (201)